



18 CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, domingo, 27 de setembro de 2026

Formando novos leitores

Liberdade para escolher gêneros e atividades coletivas ajuda a aproximar crianças dos livros. Restrição ao celular abre espaço, mas não cria o hábito sozinha

GIOVANNA KUNZ

Mais do que aprender a decodificar palavras, ler contribui para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. O contato com diferentes histórias amplia o vocabulário, estimula a imaginação, favorece a atenção e ajuda na construção do pensamento crítico.

Para a neuropsicopedagoga Silvia Kelly Bosi, o incentivo à leitura é peça importante na evolução da criança. “A leitura é fundamental para o desenvolvimento infantil e adolescente porque vai muito além da alfabetização. Ela amplia o vocabulário, favorece a compreensão, a atenção, a imaginação e o pensamento crítico”, justifica.

Na escola, diferentes estratégias podem aproximar os estudantes dos livros. No Marista João Paulo II, a professora de

língua portuguesa Renata Alves utiliza a plataforma digital Árvore de Livros com turmas do 4º e 5º anos. A ferramenta transforma o avanço das leituras em uma espécie de jogo: os alunos recebem moedas e gotinhas que podem ser usadas para construir árvores e reflorestar ambientes virtuais relacionados às obras.

O incentivo também passa pela biblioteca, pelos livros físicos e pelo diário de leitura. No projeto Li, Lendo e Lerei, os estudantes registram as obras e compartilham indicações mensalmente. A professora procura respeitar os gêneros preferidos de cada um e usa os próprios interesses para apresentar novos títulos. A cada 10 obras registradas no diário, eles também recebem um bottom temático, que serve como recompensa e incentivo para os estudantes.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Carolina Fernandes está no 4º ano e participa de várias atividades de leitura na escola

Extensão de casa

Silvia defende que quadrinhos, aventura, mistério, fantasia e esportes podem ser portas de entrada para a leitura. Em casa, o exemplo da família e a leitura compartilhada também são importantes. Na escola, rodas de leitura, contação de histórias, clubes e momentos de escolha livre podem tornar a atividade mais prazerosa.

A redução do uso de celulares no ambiente escolar pode abrir espaço para a leitura, mas não é suficiente para criar o hábito.

“Retirar o celular, por si só, não cria o hábito de ler. A escola precisa aproveitar essa oportunidade para tornar o livro interessante”, pondera Silvia.

Renata, por sua vez, ressalta que tecnologia e leitura não precisam ser opostas. Plataformas digitais, PDFs e dispositivos como o Kindle também podem facilitar o acesso aos livros. “É diferente, mas é leitura. Isso que é importante.” Ao mesmo tempo, ela percebe que o ambiente digital pode estimular o consumo de conteúdos mais curtos.

Entre os estudantes que desenvolveram o hábito desde cedo está Carolina Fernandes, 10 anos, do 4º ano, que já leu 50 obras só em 2026. O interesse começou aos 5 anos, quando ela queria entender o que estava escrito nos livros que via em casa. Na escola, Carolina participa das atividades de leitura e gosta dos momentos em que os alunos podem escolher e compartilhar livros. “Quando eles dão esse diário de leitura, eu gosto de fazer porque a gente ganha bottoms e escreve o que aprende nos livros”, conta.

ARTIGO

Ana Paula Bernardes, coordenadora da Biblioteca Comunitária Roedores de Livros e mestranda em literatura pela UnB

Que lugar a leitura ocupa na escola?

Na hora de escolher uma escola, as famílias costumam observar a proposta pedagógica, a estrutura, os resultados e a segurança. Mas há uma pergunta que merece entrar nessa lista: qual é o lugar dos livros na rotina das crianças?

Em 20 anos de atuação na Biblioteca Comunitária Roedores de

Livros, em Ceilândia, acompanhei crianças e adolescentes com diferentes histórias de acesso à leitura. Essa experiência mostra que o interesse pelos livros cresce quando eles estão ao alcance das mãos, circulam com liberdade e podem ser escolhidos sem que toda leitura se transforme em tarefa.

Ter uma sala chamada biblioteca é pouco. É importante saber se ela permanece aberta, se recebe as turmas com frequência, se conta com um acervo diverso, atual e adequado às várias idades e se há alguém preparado para aproximar leitores e livros. Uma biblioteca viva é acolhedora, permite explorar as estantes, conversar sobre as leituras e levar livros para casa.

Também vale observar se a escola reserva tempo para a leitura autônoma, realiza leituras

compartilhadas e respeita as preferências de cada criança. Nesse processo, o professor tem papel decisivo: apresenta diferentes livros, escuta as impressões das crianças e permite que diversas interpretações apareçam.

A família é parte desse processo. Mesmo em casas com poucos livros ou pouco tempo disponível, perguntar sobre uma história, ouvir o que a criança tem a dizer e compartilhar alguns minutos de leitura fortalecem o vínculo com os livros. A

escola pode apoiar esse encontro ao emprestar obras, aproximar as famílias da biblioteca e sugerir maneiras simples de compartilhar leituras em casa.

Ao visitar uma escola, entre na biblioteca. Veja se há crianças ali, pergunte como funciona o empréstimo e com que frequência os livros chegam à sala de aula. O modo como a escola cuida de sua biblioteca revela muito sobre o espaço que ela abre para a imaginação, a linguagem e as experiências de seus estudantes.